

AMAR PARIS

*I love Paris in the spring time
I love Paris in the fall
I love Paris in the summer when it
sizzles
I love Paris in the winter when it
drizzles
I love Paris every moment
Every moment of the year
I love Paris, why oh why do I love Paris?
Because my love is here.*

Quem não se lembra de ter ouvido esta canção? Muitos a cantaram ao longo dos anos. Mas foi Frank Sinatra quem a imortalizou. Ela simboliza, afinal, e muito bem, o eterno tema da cidade do amor, da cultura, da gastronomia e da moda.

Paris é a capital e a maior cidade da França. Atravessada pelo rio Sena — cujas margens foram inscritas em 1991 na

lista do Património Mundial da Unesco —, é tida como a segunda maior metrópole da Europa, com uma população de doze milhões de habitantes. O que significa que é maior que Portugal...

Conhecida mundialmente como a Cidade das Luzes, nome que ficou a dever-se ao movimento intelectual do Iluminismo, tornou-se num dos principais centros turísticos de todo o mundo. A beleza da sua arquitectura, as suas perspectivas urbanas, as avenidas e os mais diversos museus conquistam todos os que a visitam.

Capital de um império que se estendeu por vários continentes, Paris teve e tem no cenário mundial uma forte posição como pólo comercial, industrial, financeiro e turístico que a coloca como a capital do mundo francófono.

Durante anos o meu pai descrevia-me Paris e preparava-me, no fundo, para aquilo que viria a ser o meu grande encontro emocional com uma nova realidade. Para a minha geração, «o grande sonho» era poder lá ir.

A primeira vez que isso me aconteceu tinha atingido a maioridade e acabado de casar. Era, assim, duplamente maior. Pela idade — ao tempo vinte e um anos — e pelo casamento realizado uns meses antes.

Foi pela mão do marido recente que mergulhei nos museus, nos clubes de *jazz*, na Cinemateca, enfim, no que é costume chamar-se o lado cultural. Tínhamos pouco dinheiro, mas isso não impediu que, comendo pouco, tivéssemos visto muito. Como foi gratificante essa «primeira vez»!

Haveria de lá voltar dezenas de vezes, por razões profissionais — as reuniões da Aviação Civil, que foi a minha casa durante mais de dez anos, eram frequentemente naquela capital. Nessas viagens tive a oportunidade de conhecer uma cidade diferente, tantos foram os olhos que me mostraram.

Até que, um dia, fui viver para lá. Aí, sim, eu viria a descobrir a minha segunda pátria. Foi um encontro com os jardins, as lojas, as casas, os restaurantes, os recantos e as paisagens. Foi também a dos amigos que por lá fiz. Enfim, foi criar intimidade com o local que escolhemos para habitar. Foi então que entendi o significado da palavra *flanner* e o prazer que ela comporta. Não é apenas passear. É bastante mais. É passear sem rota nem destino, registando tudo à nossa volta e tendo a impressão de que o fazemos sempre como se fosse a primeira vez...

Conheço cada recanto, cada banco de jardim, cada esplanada onde durante anos se desenrolou a minha vida. Impossível esquecer qualquer deles.

Poderia falar dos museus que visitei, das igrejas onde rezei, das exposições a que assisti, dos espectáculos que presenciei. Mas nada disso seria muito diferente das outras capitais que conheci.

Paris é tudo o resto que não vem nos guias ou nos roteiros. Paris é, sobretudo, um estado de alma!

Um pouco inesperadamente a vida familiar obrigou-me a fazer uma escolha dolorosa, que acabou por me trazer de regresso a Portugal. Ainda hoje me lembro das lágrimas que

discretamente me correram pela face quando o avião descolou. Era uma espécie de aperto, a certeza de que «aquele tempo» não voltaria nunca mais...

Retornei sempre que pude. Um fim-de-semana prolongado é bastante para eu lhe voltar a sentir o cheiro, a luminosidade, o ritmo. Mas a alma, essa, ficou lá naquele dia de Outubro em que aterrei em Lisboa.

Nada na vida está completamente escrito. Jamais me passaria pela cabeça que aquela cidade pudesse voltar a fazer parte integrante da minha existência. Mas, porque o destino parece trocar-nos as voltas, motivos pessoais fizeram que a rota Paris-Lisboa passasse a ser aquela que mais frequente. Sem esperar, sem sequer acreditar, Paris lá está sempre à minha espera...

AMOR



A MAGIA DE DEAUVILLE...

*D*urante muitos anos Paula sonhou, com enorme antecedência, as férias que estavam para vir, fazendo planos que depois, por um motivo ou por outro, acabavam quase sempre por não se cumprir.

A vida foi correndo, os anos foram passando e a «sua» viagem a Deauville ia sendo postergada e sucessivamente substituída por outras, mais ao gosto da família ou dos amigos.

Os filhos estavam agora na fase dos grandes amores e o marido, como às vezes acontece quando se dobra o cabo dos cinquenta, eclipsara-se, ofuscado pelo brilho de um olhar mais jovem.

Com a mala em cima da cama, ela hesitava, olhar vidrado no guarda-fatos, que roupa escolher. Toda a sua vida tivera dificuldades em seleccionar o vestuário de viagem, e, apesar dos inúmeros quilómetros já percorridos num sentido e no

outro do mundo, continuava a sobrecarregar-se de peças que acabava por não usar.

Com um gesto lasso atirou-se para o cadeirão sem vontade de se mexer. Não gostava de *partir*, quer fosse para sair, quer fosse para voltar. Era uma mulher que «gostava de criar raízes nos sítios por onde andava», como diziam as amigas. Agora, quanto mais o tempo ia passando, mais lhe apetecia não «bugir» do local onde se encontrava.

Nem sempre, porém, fora assim. Alturas houve em que Paula viajava, por dever do ofício que escolhera, todos os meses. E se não fosse algum sentimento de culpa, por ter de deixar os filhos pequenos com os avôs, ela diria que esses eram os seus «grandes momentos de aventura».

Semicerrou os olhos e, andando para trás na memória do tempo, lembrou algumas férias infernais com os filhos a entrarem e a saírem, os amigos a chegarem de surpresa, os jantares inesperados para dez pessoas, e o estado lamentável de cansaço em que se encontrava quando voltava ao Porto. Isto, para não falar já da viagem de automóvel, atravessando o país de uma ponta à outra, com um calor abrasador e o Pedro, pequeno ainda, agoniado pelos quilómetros percorridos, a solicitar paragens desgastantes para todos, excepto para ele.

Será que a recordação dessas épocas lhe deixava alguma saudade? Sim e não, pensou. A afirmativa era a lembrança da presença dos filhos e a necessidade que eles tanto tinham dela. A negativa era o cansaço dos trabalhos não partilhados, porque Tiago, o marido, de tipo silencioso, era um homem

que vivia as férias isolado num mundo abstracto de passeios solitários e leituras.

Hoje, admitiu, talvez até fosse possível, e mesmo agradável, partilhar desse mundo abstracto, desse silêncio que era finalmente também seu... Mas, como dizia a sua sábia avó materna, «quando se tem capacidade, já a oportunidade desapareceu»...

O comandante acabara de avisar que, dentro de alguns momentos, o avião aterraria em Paris. Meia hora depois Paula, cumpridas as formalidades necessárias, entrava para o automóvel previamente alugado e dispunha-se a seguir viagem.

Já ao volante, com a música em surdina, pensou que o melhor seria viajar até que a noite começasse a cair. O seu fito era reconstituir a primeira viagem em que tinha tido a companhia de Tiago, e que, pelas saudades que lhe deixara, prometera a si própria repetir.

A paisagem, aos poucos, ia-se tornando cada vez mais familiar. A certa altura sentiu necessidade de sair para respirar um pouco o ar do campo à sua volta. Caminhou e sentou-se numa pedra à beira da estrada, encantada com o vermelho do Sol, que desaparecia no horizonte. Encheu os pulmões até ao limite do possível e voltou ao carro, para meia hora mais tarde parar no pequeno hotel onde antes se havia hospedado. Jantou e depois de ler um pouco, deitou-se sossegada.

De manhã cedo tomou o pequeno-almoço no jardim e seguiu viagem. A estrada desse dia levá-la-ia a Honfleur e a Deauville.

Foi nesta última estância que se instalou, no mesmo velho hotel onde ficara havia muitos anos.

À medida que os dias corriam, os fantasmas e as recordações de Paula iam-se esbatendo. Talvez o encontro com Jean-Luc, o arquitecto que conhecera em Deauville, tivesse contribuído para isso. Ou, talvez, apenas precisasse de matar memórias que julgava vivas, pensou.

Dentro de momentos aterramos no aeroporto de Lisboa, avisou o comandante. Paula endireitou a cadeira, penteou os cabelos e, olhando no espelho o rosto queimado, reparou no brilho do seu olhar.

As recordações, agora, eram outras. Mais próximas e mais quentes. Que a levaram a pensar nos poucos meses que já faltavam para, em Outubro, voltar a Deauville...